

Claudino sentia agora que a sua vida passada e futura convergiam inteiramente para esse minuto criado pela aliança trágica da mentira com o amor. Seria então certo que o homem tanto mais ama quanto menos confia? Aí tinha a prova de tal argumento: Cora, que fora até então para ele como que uma promessa, mais lisonjeira à sua vaidade do que ao seu coração, transformou-se de repente no único motivo da sua existência, numa obsessão dolorosa, só por ter deixado de ser a mulher certa, pronta a servi-lo através de todos os sacrifícios, entre sorrisos, como a um deus.

Organizador
Rodrigo Jorge Ribeiro Neves

Coordenadora da coleção
-Ieda Lebensztayn

Júlia Lopes
de Almeida

Contos e novelas

Nascida no Rio de Janeiro dos fins do século XIX, Júlia Lopes de Almeida foi uma das maiores escritoras brasileiras. Contemporânea de Machado de Assis, escreveu, assim como ele, sobre a sociedade carioca a partir de um olhar crítico. Mas diferente do escritor, ela jamais foi convidada a tomar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras — mesmo tendo sido uma das fundadoras da ABL. Em seu lugar entrou o marido, o escritor e jornalista Filinto de Almeida. Ser homem era o principal pré-requisito.

Sua obra também não recebeu a atenção devida. Os contos e novelas que temos em mãos deixam claro que sua indiscutível potência, assumida publicamente à época pelo esposo, a manteve viva e pulsante para chegar ao leitor contemporâneo. Na novela *O dedo do velho*, por exemplo, temos o enredo de Claudino, homem criado sob os valores patriarcais da razão e da ordem, que se vê aos poucos ruir conforme mistérios surgem em sua vida. Mistérios como o da figura feminina Cora, jovem que ludibria três homens de uma só vez, ou da senhora que fisga no ar um segredo que circula entre os homens. Às habilidades operadas no insólito — pelas mulheres, opõe-se um conhecimento fixo: dos livros e homens que formaram Claudino, e que agora restam entre poeira e baratas em seu apartamento.

Mas suas personagens femininas nem sempre têm sucesso ao tentar escapar à opressão patriarcal: a mulher indígena, ainda que lute, cumpre o trágico fim anunciado pelo senhor branco; a matriarca que prefere a morte à vida sem reconhecimento por parte dos seus; a moça que é facilmente substituída por outra para garantir o sucesso profissional de um jovem. Ainda assim, não aceitam a resignação. Reprimido, o desejo volta mais forte, como a mítica mulher-monstro fissurada por sangue de *A neurose da cor*, na recusa da idealização que lhe quer passiva.

Além de discutir o papel da mulher, Júlia Lopes também expõe em sua literatura as entranhas da sociedade escravocrata e suas consequências pós-abolição. Uma das figuras representativas do realismo e do naturalismo no Brasil, a autora evidencia principalmente os conflitos humanos e sociais no núcleo familiar, diante da passagem do tempo e das transformações que a modernidade nos trouxe.

Júlia Lopes de Almeida

Contos e novelas



obras ✱

escolhidas

Metabiblioteca



hedra

hedra

